ANÁLISE DAS *CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS* A PARTIR
DAS CARTAS DE NIETZSCHE: INDICATIVO DE UMA
PERSPECTIVA ESTÉTICA E EDUCATIVA

Analysis of *Untimely Meditations* from Nietzsche's letters: indicative of
an aesthetic and educational perspective

Enock Silva Peixoto¹

RESUMO

Dentre os anos de 1873 e 1876 Nietzsche escreveu quatro livros que denominou como *Considerações Intempestivas: David Strauss, confessor e escritor; Da utilidade e desvantagem da história para a vida; Schopenhauer como educador e Wagner em Bayreuth*. Neles, o filósofo estabelece uma crítica a favor de uma cultura elevada, cujos clássicos da Grécia e Roma Antigas e da própria Alemanha são os meios educativos apresentados como contraponto. A adversária é a concepção gregária de cultura, vigentes século XIX, que, conforme Nietzsche, tinha os interesses utilitários do Estado como forma principal de organização da vida. Esse [o Estado] sugava todas as forças criativas, como da educação juvenil, dos interesses científicos, reduzindo todos ao jugo dos negócios. Foi o período em que a Alemanha venceu a guerra franco-prussiana e buscava se estruturar politicamente, mas, Nietzsche percebe diversas armadilhas presentes neste processo, como o perigo da cultura se tornar serva da política. Essa preocupação aparece também nas suas correspondências, escritas dentre os anos de 1850 e 1888, nelas, também observamos o pensamento como “instrumentos de combate” contra a decadência social.

Palavras-chave: Arte. Intempestividade. Educação. Cultura.

ABSTRACT

Between the years 1873 and 1876 Nietzsche wrote four books which He called *Untimely Meditations: David Strauss, the confessor and the writer; On the Uses and Disadvantages of History for Life; Schopenhauer as educator and Wagner in Bayreuth*. In them, the philosopher reestablishes a criticism in favor of a high culture, whose classics from Ancient Greece and Rome and Germany itself are the educational means presented as a counter point. The adversary is the gregarious conception of culture, in force in the 19th century, which, according to Nietzsche, had the utilitarian interests of the State as the main form of organizing life. This [the State] sucked up all creative

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: enock-peixoto@hotmail.com. ORCID: [0000-0003-4687-2018](https://orcid.org/0000-0003-4687-2018).

forces, such as youth education, scientific interests, reducing everyone to the yoke of business. It was the period when Germany won the Franco-Prussian war and sought to structure itself politically, but, Nietzsche perceives several pitfalls present in this process, such as the danger of culture becoming a servant of politics. This concern also appears in their correspondence, written between the years 1850 and 1888, in them, we also see thought as "instruments of combat" against social decay.

Keywords: Art. Untimely. Education. Culture.

1. As Considerações Intempestivas: combate a favor da cultura

O nosso recorte de pesquisa, no momento, será apenas o período dentre os anos 1869 a 1874. Salientamos que fizemos traduções em português das citações das cartas, cuja principal fonte de pesquisa foi uma tradução para o espanhol das missivas nietzschianas.² Nos deteremos a estas missivas que tratam de forma mais direta as correspondências que o filósofo abordou de forma mais intensa sobre as *Considerações intempestivas*.³ Refletiremos como estas obras figuraram como instrumentos de luta a favor de uma cultura elevada, não dominada pelos interesses institucionais e como, a partir delas, podemos pensar em uma *formação intempestiva*, impulsionada

² O presente texto é parte da tese doutoral com o título: *As correspondências de Nietzsche e a educação em Assim falou Zaratustra: um processo de educação-estética* na qual analisamos, tendo as cartas como principal fonte de pesquisa, como Nietzsche associou constantemente “escrita-vida-pensamento” na sua perspectiva filosófica. Limitaremos-nos a analisar as correspondências a seguir: NIETZSCHE, Friedrich. *Correspondencia II: abril de 1869 – dezembro de 1874. Traducción y notas a las cartas de José Manuel Romero Cuevas y Marco Parmeggiani* Introducción y apéndices de Marco Parmeggiani. Editorial Trotta, Madrid, 2007. Elas fazem parte de uma tradução espanhola em seis volumes das correspondências do pensador alemão, publicadas pela editora Trotta. É importante também destacar que seguiremos o modo como os tradutores numeram e datam as missivas nietzscheanas nessa tradução; para não sobrecarregar o texto, utilizaremos em alguns momentos apenas os números das cartas e em outros, a datação completa.

³ Salientamos que existem autores que traduzem este conjunto de textos como Considerações extemporâneas. Sobre o sentido dado ao termo, recomendamos o artigo de: (DENAT, 2010, p. 85-96); para a autora, *extemporâneo* tem o sentido de tomar distância do próprio tempo e dos seus valores. A interpretação de Tereza Calomeni também contribui para compreender o sentido deste termo, como estar fora do tempo e até mesmo ser contrário a ele, mesmo que nele presente: “Intempestividade precoce, desde os primeiros escritos, Nietzsche não é compreendido por seus contemporâneos que, em sua franca opinião, não são criadores ou legisladores, dado o hábito de pensar através da ótica dos valores já consagrados pela moral da metafísica e da religião cristã, dado o apreço que ainda nutrem pela verdade. A voz de Nietzsche destoa na modernidade ainda presa à valorização da educação como erudição, à necessidade de constituição da ciência como explicação da realidade, ao “excesso de sentido histórico” ou a um tipo de historiografia que, apelando sempre à memória e às ideias de evolução, progresso e finalidade e não ao esquecimento, tão favorável à felicidade humana, em nada favorece o respeito à vida e ao que, no tempo, se perfaz” (CALOMENI, 2011, sem paginação).

para o futuro, confrontando os modos de vida dominantes; concepção que perpassa por uma educação intimamente associada à arte.

Na correspondência a Carl von Gersdorff de 5 de abril de 1873, (carta 301), há um relevante destaque: o anúncio sobre a *Primeira consideração intempestiva*. O propósito inicial de Nietzsche fora escrever treze textos deste tipo que, como veremos adiante, seriam como armas combativas contra a decadência da mesma:

No entanto, talvez um dia eu consiga fazê-lo, quando tiver realizado o que tenho agora em mãos, isto é, um escrito contra o famoso escritor David Strauss. Eu li agora sua *Velha e nova fé* e fiquei estupefato pela obtusidade e vulgaridade tanto do autor como do pensador.

Em agosto de 1873, foi publicada essa primeira obra com o título *David Strauss, o confessor e o escritor*; embora o filósofo tenha elaborado outras no mesmo período, *As Intempestivas* ganham destaque nas cartas e, por isso, abordaremos algumas das reflexões da fase em que estavam sendo gestadas, pois diversos temas revelados nelas fortalecem a nossa tese de que existe a constituição de uma educação pela arte na filosofia nietzschiana.

As reflexões presentes nas *Intempestivas* estiveram no contexto da luta pela cultura, em contestar uma sociedade que ele denominara como semibárbara, por não motivar modelos *sui generis* de vida. A cultura deveria motivar o impulso para provocar e manifestar a força mais expressiva em um povo, sem copiar outra cultura, como Nietzsche acusava ocorrer com a Alemanha em relação à França. Além disso, elevação cultural, de forma alguma, estava envolta em atrelar a formação dos jovens aos interesses utilitários do Estado, mas em constituir uma sociedade em que a cultura não figurasse como serva estatal. Para Safranski, comentando as três forças do existir que o historiador Jacob Burckhardt definiu como: o Estado, religião e cultura, acena que para Nietzsche a mais importante era a cultura: “Por ela tudo deve acontecer. Ela é o objetivo superior, e onde pensa ver uma subordinação da cultura aos objetivos do Estado ou da economia, ele fica indignado” (SAFRANSKI, 2001, p. 61). Burckhardt foi um dos personagens importantes para a construção da *Segunda Consideração Intempestiva*, a sua concepção de história está presente de forma clara na visão histórica de Ni-

etzsche e na sua luta a favor da cultura. A história deveria existir para criar indivíduos que se tornam exceções e este é:

aquele sem o qual o mundo nos pareceria incompleto, porque determinadas grandes ações só podiam ser concretizadas por ele, em sua própria época e ambiente, sendo inconcebível sem ele. O grande homem está fundamentalmente ligado ao grande fluxo central-das causas e efeitos. Há um provérbio que diz: “nenhum ser humano é indispensável”, mas justamente os poucos que os são, são grandes homens (BURCKHARDT, 1961, p. 214-215).

Uma força extraordinária, não transcendente, é o que deveria marcar os grandes personagens históricos, a ponto de estes serem como “obras de arte”, a saber, tão originais que não poderiam ser copiados, revividos, mas exatamente por isto, seriam um horizonte, um norte capazes de impulsionar novos criadores. O historiador classifica tais *grandes homens* como *filósofos* e eles são potencialmente os poetas, os artistas e os cientistas. São capazes de recriar o mundo, de inventar modos de vida, de desafiar a perenidade da história, mas essa potencialidade não se restringe a eles, pois eles devem: “ser incluídos na categoria de filósofos todos aqueles que veem a vida de maneira tão objetiva que parecem pairar acima dela, documentando essa sua *Weltanschauung* transcendente em observações formuladas sobre os mais diversos assuntos” (BURCKHARDT, 1961, p. 218).

Nietzsche contrasta o excesso de sentimento histórico presente em nossa cultura, com uma clara crítica à concepção hegeliana de história, para quem esta é a efetivação do *Espírito Absoluto* no mundo; tanto para Nietzsche, quanto para Burckhardt ela não tem sentido preciso, objetivo, não se trata de uma efetivação da *Razão* na história; a história não tem significado prévio. Neste caso, resta ao homem elaborar modos de existir, apesar da perenidade e inconstância dele. Conforme comenta Luiz Costa Lima, sobre a filosofia da história de Burckhardt: “Em vez de ser isso ou aquilo, a História é a residência de um animal contraditório, capaz de atrocidades, de promover e de suportar dores incríveis e de criação” (LIMA, 2003, p. 14). Atrair educação a uma aglomeração desordenada e indistinta dos comportamentos sem uma “unidade no estilo”⁴ seria um dano cultural

⁴ Na primeira *Intempestiva*, Nietzsche define cultura como “a unidade de estilo artístico em todas as manifestações de um povo” (NIETZSCHE, 1932, p. 6).

pérfido. O filósofo questionava o predomínio de uma educação que anula o que é genuíno tanto em uma coletividade, como nos indivíduos, para ele quem promove a cultura de um povo “deve aspirar a promover esta unidade suprema e trabalhar conjuntamente na aniquilação deste modelo moderno de formação” (NIETZSCHE, 2003, p. 43). A formação de um estilo que o filósofo apregoava como tão fundamental na vida individual, era também uma exigência comum. A sociedade precisa ter identidade, feição própria, singularidade para ser forte; atingir esta meta, ao mesmo tempo particular e social era um dos esforços que o filósofo naquele período assumia como uma tarefa.

Junto com o seu trabalho intelectual, situações alegres e dolorosas o impulsionavam; a missiva 315 contém um comentário sobre o que Nietzsche denomina como “qualidade dos Nietzsche”. Ele escreve à sua mãe Francisca, por ocasião do falecimento da tia Friederike Daechsel; após uma análise sobre o sentimento constante de solidão que a morte causa, observa:

[...] Eu gosto muito de pensar na tia Riekchen, [...] que até uma idade avançada mantinha uma natureza única e encontrou apoio em si mesma para depender o mínimo possível do exterior e da benevolência incerta dos homens: gosto disso, porque nisto encontro a qualidade da raça daqueles que se chamam Nietzsche, qualidade que também tenho. É por isso que a querida tia foi sempre afetuosamente disposta comigo, porque estávamos relacionados em uma coisa essencial, isto é, na essência dos Nietzsche. E assim eu honro a memória dela, desejando com todo meu coração, se chegar envelhecer, que eu não me separe de mim mesmo, isto é, do espírito de meus pais [...].

A tia e outros parentes falecidos serviram de exemplo para o filósofo. Foram pessoas que se esforçaram durante a vida para manter a autonomia, *depende o menos possível do mundo externo e da benevolência humana*, avança isto. O filósofo sentia a postura propositiva da tia em relação a ele, possivelmente por perceber a sua vida austera, “que buscava apoio em si mesmo” algo que ela valorizava. Ele salienta a força dos Nietzsche. Notemos que a valorização de uma vida na qual a singularidade, a autonomia, a liberdade são enaltecidas, não fora um aprendizado apenas nas instituições escolares, com os filósofos, os artistas. Mas foi também, “dentro de casa”; ele teve exemplos consanguíneos de experiências próximas daquilo

que denominava como exemplo de educação, a saber, estabelecer um peculiar trajeto existencial.

A Carl Fuchs em 30 setembro de 1873 (carta 317), Nietzsche alude ao seu problema de visão, pois as cartas estavam sendo escritas por outra pessoa. Mas o conteúdo essencial delamesma é a demonstração do seu domínio sobre teoria musical. O filósofo discorda do interlocutor sobre a interpretação da música: “Noite de julho”.

[...] De fato, sobre “Noite de Julho” não estou totalmente de acordo, e minha perplexidade tem a ver exatamente com a sua parte central: o “adágio com sentimento”. Se o compositor quer nos dar a impressão de que o cantor de noite de julho está recordando alguma felicidade interior, ele não precisa necessariamente expressá-lo com uma melodia que soa como uma lembrança, mas apenas lembrando, precisamente, melodias íntimas e alegres. O mesmo vale, creio eu, para a melodia de resignação na última página. Inclusive, estou inclinado a acreditar que a composição em seu conjunto, em vez de ter sido “sentida” antes, como deve ser com qualquer boa peça, só foi sentida “depois”.

Salientemos a observação do final do fragmento de carta selecionado que é o aceno ao entendimento de que toda boa peça precisa ser antes sentida e só depois construída e executada. Essa visão suscita a interpretação de que uma composição harmoniosa nasce da vida, dos sentimentos e emoções bons ou ruins que a existência nos apresenta, ou seja, primeiro precisa ser vivida e depois pensada, o aspecto informal da composição se antepõe ao seu aspecto formal. Entendemos que somos autorizados a fazer esta observação considerando a relação de Nietzsche com as suas próprias composições. Ele sempre acena para algo vital que possibilitara o seu surgimento, além disso, nas obras publicadas, como em *O nascimento da tragédia* há clara alusão a esta valorização da vida sobre a formalidade da composição. Ao comentar em uma resenha à obra, Erwin Rohde, escrevendo como a tragédia nascera, para Nietzsche, no espírito da música, fortalece esta concepção:

Em uma luta aterradora, a música dá à luz o mito, uma imagem analógica das forças universais onipotentes. O conhecimento conceitual jamais possibilitará que se acompanhe a ação das forças por meio das quais a potência universal, que se encontra fora do tempo e do espaço, vem a se manifestar na obra do artista, tornando-se reconhecível primeiro na forma do tempo, e depois erigindo a partir

da música a imagem analógica que se move simultaneamente no tempo e no espaço. Quem fosse capaz de entender esse processo teria resolvido o enigma do mundo (ROHDE, 2005, p. 37-38).

Esta interpretação, elogiada por Nietzsche e recusada pela revista à qual foi enviada, aponta para a contiguidade entre vida e arte. Noção que a lógica seria incapaz de dar conta como do segredo inerente ao processo do real, que só pode ser manifesto, se tornando uma linguagem interpretável, pelo menos parcialmente, através da arte. Na continuidade da missiva em questão, além do aspecto técnico que ele aponta, demonstra claramente o seu descontentamento com a utilização mercadológica da arte, no caso específico, da música:

Mas neste trabalho precisamente, mais obrigatório que necessário, revela-se também um grande talento ilustrativo, e refiro-me sobretudo à primeira página. Muito mais autônoma e mais vívida, encontro a *Viagem noturna*, cuja introdução e parte central são realmente magistrais. A melodia principal que começa na página 4, no entanto, não me parece muito boa, embora eu acredite que descubra aqui, como em geral ao longo da composição, uma orquestração encantadora. - Agora, a questão número dois: “Dr. Fuchs, o sintomático”! Durante o verão, tive tempo de refletir sobre os músicos escritores, e justo com vistas a um semanário dedicado à música. Um semanário desse tipo é dirigido, como sabemos, quase exclusivamente para leitores músicos; e os interesses destes, que determinam a natureza da revista, não são, graças a Deus, literários quase em vão, e ainda mais, na medida em que pedem um semanário, são exclusivamente interesses comerciais. Um procura por uma posição, outro procura alguém para tocar sua música: este, por sorte, ainda é o sentido ingênuo de uma revista de música desse tipo.

Nietzsche estava ciente que a música poderia ser utilizada como mercadoria, mas ele acena a palavra *exclusivamente*, certamente atentando para o perigo de a arte perder a sua característica principal e se tornar um negócio como outro. Ela, conforme comenta Guervós, deveria existir como um meio de educar manifesto em sua capacidade de estar plenamente em si mesma: “aprender a pensar e a pensar e ouvir o silêncio musical deixando que as coisas sejam por si mesmas em seu silêncio” (GUERVÓS, 2004, p. 457). Ao invés de proporcionar a função de educar o ser humano para a singularidade viria a se tornar algo que massifica, iguala, nivela os comportamentos. Como é a tendência da maioria dos produtos que tem como objetivo principal a negociação, trata-se do perigo da música perder a sua “essência”. Algo que ocorreu posteriormente em grande escala. A carta 324 a Carl von

Gersdorff merece destaque porque Nietzsche revela nela a publicação da segunda edição de *O nascimento da tragédia* que seria lançada em janeiro daquele ano. Também anuncia que a *Primeira intempestiva* chegara ao público, acena também para a segunda edição desta e manifesta que a segunda já tinha o manuscrito pedido pelo editor Fritzsche. Além desses dados editoriais, a carta mostra que o incômodo com as obras do filósofo ganhara intensidade.

Os cadernos verdes do *Grenzboten* publicaram recentemente um *non plus ultra* com o título “Sr. Friedrich Nietzsche e a cultura alemã”. Apela a todos os poderes, polícia, tribunais, colegas, afirma-se expressamente que em todas as universidades alemãs a minha reputação é péssima, e é desejável que mais cedo ou mais tarde ocorra o mesmo em Basileia. É relatado que, graças à habilidade de Ritschl e à estupidez do povo de Basileia, como estudante eu teria me tornado um professor numerário, etc. Insultou Basileia, chamando-a de “universidade provincial”, eu próprio fui denunciado como inimigo do Estado alemão, associado à Internacional etc. Em suma, um documento altamente recomendado por sua comicidade. Que pena que eu não posso enviar para você. Fritzsche também é atacado: é considerado um escândalo que um editor alemão me tenha aceitado. Portanto, queridíssimo amigo, nossa primeira *Intempestiva* “encontrou o favor do público” [...].

O filósofo alemão alude à sua posição quando passava por muitas críticas, assim como comenta a situação do amigo, que não fora aceito como professor universitário com a justificativa de ser muito jovem. Diante de tantas barreiras, apresenta-se o desespero ou a esperança como alternativas, ele assume a última como escolha. A correspondência 342 a Carl Fuchs mostra que as circunstâncias encaminham Nietzsche ao distanciamento da função acadêmica. Além de demonstrar que queria uma vida mais livre, como destacamos, mesmo antes de começar a trabalhar na atividade formal docente, ele indicava os limites dessa função, entretanto, parece possível considerar que o filósofo fora precocemente empurrado para o ostracismo acadêmico:

[...] A verdadeira solidão reside em uma grande obra. O ensino ou vida acadêmica - eles não representam nada, ou pouco mais que o marco externo de nossa existência. Refugiar-se nela é algo que - Overbeck e eu - já não entendemos bem, já que muitas vezes temos pensado o contrário, na fuga até a completa liberdade de qualquer obrigação para continuar a viver com absoluta liberdade de pensamento em um rincão qualquer da terra, ainda que seja em condições modestíssimas. E por essa razão, dificilmente podemos

ser bons conselheiros para você. Para Basileia, para o resto, ninguém poderia garantir nada para você. Nós não temos nenhuma cátedra de música, e nós não poderemos obtê-la porque nesta cidade pouco musical você dificilmente poderia encontrar mais do que dois estudantes. As cátedras pagas da filosofia são completamente inacessíveis para um seguidor de Schopenhauer, como nos força a concluir alguma experiência muito significativa: em geral, há pouca inclinação em favorecer de alguma forma esta “tendência” [...].

Mais uma vez aparece a queixa por Basileia não ser um lugar musical e a dificuldade de seguidores de Schopenhauer conseguirem espaço de trabalho. A arte e a filosofia moviam os interesses de Nietzsche. Além disso, a possibilidade de viver com “absoluta liberdade de pensamento”, que, possivelmente, poderia ajudar a emergir uma grande obra advinda de uma verdadeira solidão. O filósofo não pretendia se refugiar na vida acadêmica e esta afirmação vem após acentuar o desejo de liberdade, ficando claro que não eram apenas as dificuldades externas que o distanciaram da função docente e nem uma preguiça ou desdém pelo trabalho; mas o anseio por um modelo de vida *sui generis*.

É importante lembrar que a saúde de Nietzsche era frágil, sendo os momentos de estabilidade a exceção; nas cartas deste período ele relatara dados sobre a sua debilidade em vários momentos, como a constante dor de cabeça; mas a carta 354, à sua mãe, mostra que naquele período, especificamente, estava bem. O seu sofrimento era outro, aquele oriundo das dificuldades que passava na convivência social; admite que sofria demasiadamente e acrescenta: “[...] e posso ser feliz se estiver fisicamente doente, porque então eu penso que poderia ser ajudado: algo que agora, sem ter a doença como um pretexto, eu considero impossível de qualquer maneira.” O itinerário imediato da carta revela o que Nietzsche considerava o seu caminho: “[...] cada um deve seguir o seu próprio caminho: eu desafogo jogando minhas imprecações no papel impresso, e agora eu quero retomar o trabalho para o número 3 de minhas *Intempestivas* [...].”

Pode-se considerar que o filósofo está utilizando o termo caminho de forma genérica, ou seja, todo ser humano deve seguir as suas perspectivas, sem elas terem ressonância necessária em sua forma de viver, mas ele tinha um decurso claro: desafogava com o trabalho da escrita e todas as atividades que a envolvem: leitura, pesquisa... Atuar na elaboração de seus li-

vros, este era o caminho, tinha um cunho particular, o senso de que escrever funcionava como uma tarefa, mas certamente, tinha também a intenção de repensar o modo de vida dominante na cultura ocidental.

2. A luta pela cultural

Diante de muitas informações ruins, Nietzsche recebera a boa notícia de que o professor Plüss pronunciara em Pforta uma conferência sobre *O nascimento da tragédia* e sobre a *Primeira intempestiva*, acontecimento que o entusiasmou e foi narrado na carta 356 a Carl von Gersdorff de 1 de abril de 1874 e em outras seguintes. Na mesma, o filósofo contesta o modo como o amigo compreende a sua capacidade criativa:

[...] Eu realmente acredito que um dia eu vou te desapontar um pouco, e eu quero começar a fazê-lo imediatamente, confessando que, pelo que me conheço, eu não mereço em absoluto os seus elogios. Se você soubesse que opinião eu tenho no fundo de mim mesmo como ser criativo, com quanto abatimento e melancolia eu penso sobre tudo isso! Não procuro nada mais do que um pouco de liberdade, um pouco do ar autêntico da vida, e eu me oponho e me revolto contra todas as inumeráveis escravidões que me afogam. Mas não se pode falar em absoluto de uma autêntica criação, embora ainda seja tão escravizado, tão pouco livre do sofrimento e do sentimento opressivo de ser aprisionado em si mesmo. Eu vou conseguir? Dúvidas sobre dúvidas. O objetivo está demasiado longe, e quando finalmente o alcançamos, quase sempre esgotamos nossas forças na longa busca e luta: a pessoa chega à liberdade e se esgota, como uma mosca fugaz à noite. Isso me assusta muito. É uma infelicidade chegar tão cedo a tal consciência da luta em si!

Possivelmente, Gersdorff elogiara a sua capacidade de gozar de um “autêntico criar”, mas, sustenta Nietzsche, ele buscava apenas um pouco de liberdade, diante de todas as escravidões que a vida oferecia. É possível que aquele sofrer não estivesse associado somente às suas dificuldades, mas também à própria compreensão da vida como dor, assim como um schoepenhauereano interpretaria. O *buscar e lutar* frustra porque quando se adquire a liberdade, as forças já estão comprometidas. Alcançar a consciência dessa luta é uma desgraça. Embora Nietzsche conteste o seu ato criador e se considere frágil diante da avassaladora verdade de que a realidade é medonha, ele fora um criador e colocara exatamente no ato criativo a possibilidade de superação do sofrimento.

Nietzsche escreve a carta 360 a Carl Fuchs em 28 de abril de 1874 que é valiosa para a hipótese em análise; nela indica certos caminhos que trilhava para a constituição de si mesmo e não há como negar que o seu “instrumento de combate” era a luta pela cultura elevada do seu povo. Ao escrever a uma revista que Wagner tentara fundar sustenta: “[...] Mais tarde, depois, daqui a alguns anos, pensaremos em fundar uma arena pública para o nosso tipo de ‘luta cultural’ (realmente uma maldita expressão) - mais tarde, quando tivermos alguma assinatura a mais e não mais sejamos tão terrivelmente poucos quanto agora.” A luta cultural está associada ao conhecimento. A luta contra a mediocridade do momento presente e por uma convivência social que supera a postura gregária dos comportamentos dando ênfase à singularidade. Nietzsche apresenta as suas armas para o embate naquele momento:

Até lá, cada um de nós tem que lutar sozinho com todas as suas forças: com as minhas treze Intempestivas, que estou publicando uma após a outra, eu forjei uma boa arma, com a qual golpeio a cabeça das pessoas até que saia algo. Eu gostaria que você fizesse o mesmo e se liberasse por este meio de todo o negativo, controverso e carregado de ódio que está em sua natureza, para então encontrar a paz e não mais ter nada que possa “induzi-lo a se contradizer”. Conto com isso e me consolo pensando no tempo em que todo o combater, gemer e gritar será liquidado; mas, enquanto isso, devemos continuar “combatendo vigorosamente”, como dissera algum velho marquês de Brandenburgo na época da Reforma.

O filósofo pretendia escrever treze intempestivas que na realidade foram quatro. Eram investidas virulentas, não para atingir como lanças ou bombas os corpos alheios e eliminá-los ou torná-los amedrontados, e por isso, submissos, mas elas deveriam golpear as inteligências, as cabeças, até *que saísse algo*. Trata-se de uma arma que levaria à reflexão, ao questionamento, ao pensamento, à elevação do senso comum e crítica ao momento vigente e a uma experiência civilizatória decadente. A continuidade da carta acentua o tom combativo pelo qual ele, diferente de carta anterior na qual admite não ser livre, não ser criador, deseja encontrar um caminho, ou, pelo menos, sentir por intermédio de onde poderia exercer certo grau dessa liberdade:

Porque no fundo todos sofremos intensamente e só suportamos a dor precisamente no combate mais assíduo, espada na mão. E como não queremos nada para nós mesmos, podemos nos lançar na luta mais sangrenta com uma consciência calma e serena, gritando uns aos outros: “Só o soldado é um homem livre” [...] ele quer permanecer sendo ou se tornar um homem livre, não tem outra escolha: deve continuar “avançando e combatendo vigorosamente”. E assim, que continue bem e seja valente, como companheiro de armas, na guerra e na vitória [...].

Nietzsche utiliza a linguagem militar para expressar a busca por uma cultura elevada como instrumentode guerra, mas quem são os adversários? Trata-se da falsa cultura, da falta de autodeterminação, na inação e ausência de constituição de si mesmo, de construção do próprio caráter. A coragem de dizer não a um mundo que oprime, que regula e obriga a oferecer a própria força favorecendo algo que não somose nem é do nosso interesse. Neste processo de luta, ele continua o seu labor. Nietzsche escreveu a Carl von Gersdorff conforme atesta a missiva 361 de 8 de maio de 1874 que já concluíra a *Terceira intempestivae* o trabalho de publicação em breve começaria. O título provisório fora “Schopenhauer entre os alemães”, o definitivo trata de *Schopenhauer como educador*. Apresenta depois a elaboração de outro trabalho o “hino à amizade”, considera como a sua melhor obra musical até o momento. A correspondência 362, para Emma Guerrieri-Gonzaga de 10 de maio de 1874 está entre aquelas que tornam inequívoca a preocupação de Nietzsche com a educação. Essa é uma das mais sérias e relevantes tarefas da humanidade, por isso ele destaca:

Parece-me que você considera que uma transformação profunda da educação dos povos é a coisa mais importante do mundo - e, claro, você não estará esperando minha aprovação! Eu também não conheço um objetivo maior para mim mesmo do que tornar-me um dia “educador” em sentido grande: só que estou longe desse objetivo. Enquanto isso tenho que tirar tudo o que há de controvérsia, negação, ódio, tormento; e parece que todos nós temos que fazer isso para nos libertar: antes, temos que fazer toda a soma terrível de tudo o que evitamos, tememos e odiamos, mas, em seguida, uma vez que tenhamos concluído esta operação, não devemos dar nenhum olhar para trás, em direção à negatividade e esterilidade! Devemos nos limitar a plantar, construir e criar! É verdade que isso significaria “educar a si mesmo”! Mas quem o consegue bem e com continuidade! E, no entanto, é necessário, e não há outro modo de ajudar-se [...].

Nietzsche coloca lado a lado os verbos desejar e esperar. Mas isto sugere que tanto o desejo quanto a espera não estão isentos de ação e de responsabilidade. Na carta da amiga, ela salienta a transformação da educação como a tarefa mais elevada; o autor das *Intempestivas* orienta para a educação de si mesmo. Esta é, para o filósofo, o papel fundamental do ato de educar. A meta mais alta para Nietzsche era se tornar educador, mas salienta, *em sentido amplo*. Para entendermos este sentido amplo, basta que observemos as críticas de Nietzsche aos estabelecimentos de ensino de sua época e aqueles que ele considerava como mestres: os gregos arcaicos, Wagner, Schopenhauer, logo, o modelo de educador que ele visava ultrapassava o mestre escolar, embora este também pudesse exercer este papel. Ele se considera distante dessa meta e indica que sacar de si o ódio, a polêmica, a negação o tormento, seria o percurso necessário para ser livre, a meta deveria ser “plantar, construir e criar” o que significa “educar a si mesmo”, *o único modo de ajudar-se*. Vejamos: a carta começou com um louvor ao esperar e desejar, que associamos à ação, à busca e o educar a si mesmo que o filósofo elabora parece estar neste esforço de estabelecer um ambiente de positividade; é possível que as experiências vividas naquele momento tenham gerado essas reflexões.

Ele devia estar envolto em sentimentos bastante negativos contra amigos, desafetos, a sua nação, a universidade, as várias circunstâncias que atingiam negativamente a sua vida. Saber ultrapassar isto, conseguir viver em harmonia consigo, apesar das situações externas totalmente adversas era um desafio. A tarefa de educar a si mesmo se tornara uma necessidade vital. O árduo e indispensável valorem saber colocar tanto o negativo como o positivo na balança da existência e vivê-los com harmonia foi uma exigência incessante.

A carta 364 a Erwin Rohde de aproximadamente 14 de maio de 1874 começa enfatizando os antídotos para a melancolia que o interlocutor antes citado lhe propusera. Os amigos estavam preocupados com Nietzsche, por este demonstrar certa soturnidade em suas missivas; ele admite este sentimento:

algumas vezes me deixo levar por lamentos terríveis e estou sempre ciente de uma terrível melancolia para o meu destino e apesar de ser muito calmo; mas como não há nada que possa ser mudado, eu levo as coisas alegremente, procuro os elementos que universalizam minha miséria e recuso qualquer personalismo.

Mas o filósofo mantém de pé os seus projetos:

Para o resto, continuo fervorosamente fazendo projetos para me tornar completamente autônomo, e tendo abandonado todo relacionamento oficial com o Estado e a universidade, retirar-me para uma vida privada sem vergonha de ser individualista, miserável e simples, como queres, mas digna. Por enquanto, escolhi *Rothenburg Del Tauber* como uma fortaleza pessoal e solitária; no verão eu irei visitá-la. Ali pelo menos tudo segue a velha maneira alemã, odeio cidades feitas de elementos mistos, sem caráter, que não são mais algo inteiro. Além disso, a vida não deve ser cara. Espero que seja um lugar onde se possa ainda pensar a fundo as próprias ideias, fazer projetos por décadas e depois realizá-los [...].

O projeto de deixar a profissão docente e viver uma vida mais reclusa e livre ganhava corpo; indica *Rothenburg Del Tauber* como possível morada e acena para um aspecto importante, a falta de unidade no estilo das cidades alemãs, que segundo ele, não tinham “algo inteiro” devido aos seus aspectos demasiadamente híbridos. Um lugar, no qual se pudessem fazer projetos duradouros, era essencial. Para Nietzsche, o ambiente precisava ter *caráter*, que pode significar, a cidade precisaria ter uma dimensão estética que favorecesse a criação; o ambiente surge na reflexão de Nietzsche como aspecto fulcral na constituição de ideias e criações. Na carta 365 a Richard Wagner em 20 de maio de 1874, Nietzsche, já em um clima de tensão que se estabeleceu entre ambos, celebra a vida do mestre e faz uma associação direta entre ambiente-espaco-tempo e a criatividade, uma vez mais:

Muito venerado mestre: [...] faz cinco anos desde o sábado de pentecostes quando estive pela primeira vez diante de você em Tribstchen. É o que é chamado de um lustro. E assim, nesta ocasião, quero usar seu aniversário para inventar uma nova maneira de contar o tempo, em lustro; os romanos os associavam a grandes sacrifícios de purificação e os celebravam como um verdadeiro festival de primavera. E assim devo celebrar também, como uma verdadeira festa de purificação e da juventude; porque para mim desde aquele maio de cinco anos atrás é como se eu realmente tivesse me tornado mais jovem e mais livre. Para o resto, as pessoas dizem que quanto mais anos se passam, melhor eu fico, pareço mais saudável e mais sereno e, em geral, pareço mais jovem. É uma sorte incomparável para quem anda cambaleando e tropeçando através de trilhas escuras e desconhecidas, encontrar alguém para conduzir lentamente em direção à luz, como você fez comigo; e por essa razão só tenho que estimá-lo como a um pai.

O encontro com Wagner e o ambiente de Tribschen se tornou um novo nascimento; um nascimento para uma educação pela arte que trouxe luz para a sua vida. Foi um encontro que o rejuvenesceu fisicamente, e chega simbolicamente a remeter a uma contagem mais lenta do tempo. O filósofo lembra a celebração em quinquênio dos romanos, uma festa que comemorava a primavera, ou seja, tinha como pano de fundo a transformação da natureza relacionada às mutações do real. Mas o filósofo se sentia revitalizado, e externamente, era assim percebido. Ele que, cambaleava, possivelmente uma alusão à sua vida errante enquanto pensador, mas certamente, quanto às suas limitações físicas e visuais também. O encontro com a arte wagneriana figurou como um norte, uma luz. Eis que a “escola de arte” do músico, moldou, deu um ritmo e horizonte de vida, foi fonte de formação humana.

Malwida von Meysenbug em 25 de outubro de 1874 recebe uma missiva do filósofo (carta 398), onde testemunha que a vida de Nietzsche, embora não seja possível se falar em um *alter ego*, estava presente em seus textos, se referindo à *Terceira intempestiva* afirma: “O conteúdo deste último escrito lhe permitirá intuir várias coisas sobre as experiências que vivi durante este período. Apesar de que durante este ano minha situação foi às vezes muito pior e mais preocupante do que o que se pode ler neste livro.” O filósofo ao mesmo tempo em que admite que suas experiências mais singulares vividas naquele período ressoavam no livro, destaca certo distanciamento. A obra não era uma biografia, uma descrição dos seus próprios sentimentos, pois visava gerar informação, conhecimento, reflexão, algo próprio das obras filosóficas, entretanto, estava unida às vivências do seu autor, mesmo assim, ela não era capaz de mostrar a situação mais intensa que ele vivia. Como relatou em várias cartas nesse período, o filósofo indicava viver um momento sombrio:

Mas de qualquer modo as coisas seguem, seguem adiante, só há uma coisa que me falta muito, e é o aspecto solar da vida; se não fosse por isso eu teria que realmente dizer que não posso estar melhor do que estou. Pois é uma verdadeira sorte proceder no mesmo ritmo da própria tarefa - e agora terminei a três, das treze Considerações, e a quarta já está em minha mente [...]. Não pretendo muito sobre a vida, nem nada de extremo. Por outro lado, nos próximos anos, todos saberemos algo para que gerações passadas e futuras

possam nos invejar. Eu também tive o dom, completamente imerecido, de magníficos amigos. Agora, falando em confiança, também desejo uma boa esposa, após a qual considerarei os desejos da minha vida satisfeitos. - Todo o resto depende de mim [...].

Ele tratava como tarefa os seus escritos, sua produção de pensamento, o analisar a cultura e oferecer certa perspectiva para ela. Nietzsche, como ocorre em várias cartas, destaca a intenção de se casar como algo que complementaria os seus desejos. Foram vários projetos de matrimônio que nunca se realizaram. Observemos nesta situação, uma das buscas de um aspecto solar como determinante para tornar a sua existência mais vibrante. Ele tivera a sorte de conseguir, naquele momento, adequar vida e tarefa. Mas, ainda havia certa dualidade no pensamento de Nietzsche, no entanto, mais tarde se tornará afirmativo e sustentará que o solar é primordial, mas o sombrio também o é. Trata-se do Nietzsche que vive a “metafísica de artista”⁵, ao mesmo tempo vai passando por transmutações que o levarão à sustentação irrestrita de uma vida movida pela dimensão estética e educativa; ou seja, que mesmo na luz, como na sombra busca forças para criar a si mesmo.

Eram as treze intempestivas que o moviam e era anunciada na mesma missiva supracitada, o surgimento da quarta delas. Nietzsche trabalhou em torno deste quarto livro cujo título seria: “Nós filólogos”; mas o projeto não foi terminado, tendo se tornado a *Quarta intempestiva*, o livro *Richard Wagner em Bayreuth* de 1876. A correspondência a Carl von Gersdorff em 21 de julho de 1876 Nietzsche indica que Wagner legitimou o seu livro e se mostrou admirado como o amigo o conhecia tão profundamente. Considerou como um livro extraordinário. O teatro de Bayreuth era algo que tinha

⁵ Vários comentadores da filosofia de Nietzsche entendem que ela passa pela seguinte periodização: *Metafísica de artista: O nascimento da tragédia* e os textos preparatórios até as *Considerações intempestivas* e os *Fragmentos póstumos* do período, entre (1872-1877); trata-se do período de juventude, quando Nietzsche esteve influenciado além de outros pensadores, literatos e artistas, pela filosofia de Schopenhauer e pela música de Wagner. O período intermediário estaria entre *Humano, demasiado humano* e *A gaia ciência* (1878-1882), fase crítica de Nietzsche, à arte, a metafísica, ao conhecimento, aos artistas e finalmente, o período da *maturidade*, ocorrido a partir *Assim falou Zaratustra* até a última obra publicada *Ecce Homo* (1883-1888), neste momento, o filósofo teria elaborado os seus conceitos e concepções mais originais: como a de *morte de Deus*, *niilismo*, *amor fati*, *super-homem*, *vontade de potência*, *eterno retorno* e *transvaloração de todos os valores*. Sobre este tema da periodização da filosofia de Nietzsche, sugerimos a leitura do artigo do professor José Nicolau Julião: *O Assim falou Zaratustra* como obra capital de Nietzsche, em *Leituras de Zaratustra*. DIAS, R, VANDERLEI, S, BARROS, T. et.al. (Org.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011, além das perspectivas de autores que defendem a divisão acima reunida, o comentador destaca outras visões importantes como Nehamas e Heidegger que partem de outras perspectivas.

uma conotação não apenas artística, mas educativa e política também. Nietzsche acreditou que ele revolucionaria a arte, pois figurava como um modo de reviver a dimensão trágica da vida dos gregos arcaicos. O expectador, assim como na dramaturgia grega, era participante ativo da peça, se envolvia com ela e, desse modo, aquele teatro poderia ser um foco de transformação e produção de uma cultura elevada. Nietzsche considerou que se tratava não de uma nova arte, aquele ambiente de Bayreuth, mas, tratava-se da arte mesma (Cf. NIETZSCHE, 2009). Foi neste contexto que o embate através das *Intempestivas* se mostrou como artilharia utilizada para enfrentar uma sociedade decadente visando o emergir de uma cultura vigorosa, criativa, inovadora.

Vimos que as cartas, no período da escrita e publicação das *Intempestivas* tratam de diversos eventos ocorridos na vida de Nietzsche: o seu contato com a arte, sobretudo a musical; o embate com função docente; a preocupação com o estilo na escrita; dentre outros aspectos. Elas revelam uma concepção estética e educativa, mas, não está atrelada, somente, aos parâmetros da formação institucionalizada, trata de algo que a extrapola, busca a constituição de um modo específico e singular de se colocar na existência. Um particular processo educativo de Nietzsche contribuiu para ele avaliar a formação coletiva e a imperiosidade de se pensar para além de um tempo desgastado e precário; por isso, a necessidade de uma postura intempestiva, voltada para o porvir, capaz de dar forma artística à existência, quando impulsiona à criação e a questionar o presente não apenas como contestação, mas provocando a invenção de novos mundos possíveis.

Referências

BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a história*. Tradução de Leo Gilson Ribeiro, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

_____. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

CALOMENI, Tereza Cristina Barreto. *Intempestividade e Trágico em Nietzsche*. Revista: O Percevejo. Programa de pós em Artes cênicas - UNIRIO. Volume 03 - Número 02—agosto-dezembro, 2011.

DENAT, Céline. A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das Considerações Extemporâneas. Cadernos Nietzsche, n. 26, p. 85- 96, 2010

GUERVÓS, L. E. de Santiago. *Arte y Poder. Aproximación a la estética de Nietzsche*. Madrid: Trotta, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.

JANZ, Paul Curt. *Friedrich Nietzsche*. 4 vols. Trad. Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza, 1987.

LIMA, Luiz Costa. *Alguém para ser conhecido: Jacob Burckhardt*. In: BURCKHARDT, Jacob. Cartas. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia* / textos de Rohde, Wagner e Wilamowitz-Mollendorff; Introdução e organização Roberto Machado; tradução do alemão e notas de Pedro Sussekund. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. David Strauss: *El confesional y el escritor*. In: *Consideraciones Intempestivas*. Tradução E. Ovejero e F. González. Madrid: Aguilar, 1932.

_____. *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen*. Edição organizada por Paolo D'Iorio, baseada na edição crítica de G. Colli e M. Montinari e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica. Acesso em 01/04/2020.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *Considerações extemporâneas*. In: Obras incompletas. Coleção: Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

_____. *Sobre os nossos estabelecimentos de ensino. Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.

_____. *Escritos sobre educação* (Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino: III Consideração intempestiva – *Schopenhauer como educador*). Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, 2. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Correspondencia II: abril de 1869 – dezembro de 1874*. Traducción y notas a las cartas de José Manuel Romero Cuevas y Marco Parme-

ggiani *Introducción y apéndices de Marco Parmeggiani*. Editorial Trotta, Madrid, 2007.

_____. *Escritos Sobre política*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio, vol. 1, 2007.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Richard Wagner em Bayreuth. Quarta consideração extemporânea*. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

_____. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

_____. *Nietzsche. Biographie seines Denkens*. Frankfurt am Main: Fischer TaschenbuchVerlag, 2005.

SALOMÉ, Lou Andrés. *Nietzsche e Lou: In: Correspondências e outros documentos - Introdução*, 1ª edição, Via Verita, Rio de Janeiro, 2019.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução: Jair Barbosa. Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2001.

WAGNER, Richard. *Beethoven. Dichtungen und Schriften*, vol. IX. Ed. de Dieter Borchmeyer. Frankfurt am Main: Insel, 1983.